

Do latifúndio ao assentamento: recriando a agricultura camponesa no Mato Grosso

Siumara Santos Oliveira e Tayrone Roger Antunes de Asevedo

Produção de hortaliças e geração
de segurança alimentar

Fotos: Arquivo Fase



Mato Grosso se apresenta como o berço do agronegócio brasileiro, sendo um dos maiores produtores de soja, milho, algodão e bovinos. Dos 141 municípios do estado, 54 possuem grandes extensões cultivadas com monoculturas onde se produzem 70% dos produtos agrícolas e são consumidos 70% dos agrotóxicos e fertilizantes químicos (PIGNATI, 2013). Essas condições são responsáveis pela criação de uma realidade de exclusão de trabalhadores do campo, marcada pelas desigualdades estruturais no acesso à terra e ao trabalho digno.

Apresentamos neste artigo alguns apontamentos sobre o processo de retomada das terras pela política de Reforma Agrária associada ao emprego do enfoque agroecológico adotado pelos camponeses no Assentamento Roseli Nunes.¹

Da terra de negócio à terra de trabalho

A fazenda Prata, localizada no município de Mirassol D'Oeste, região sudoeste do estado, distante 290 km de Cuiabá, foi um latifúndio de pecuária extensiva com mais de 15 mil hectares. Trabalhavam diretamente nessa terra pelos menos 13 famílias agregadas, sendo a maioria contratada de forma indireta por meio de *gatos*,² uma estratégia de recrutamento de mão de obra utilizada por fazendeiros da região para viabilizar a exploração do trabalho e não gerar vínculo trabalhista.

Antônio Gregório, agricultor vizinho à antiga fazenda, relata acontecimentos frequentes entre os anos 1970 e 1990:³

[...] As pessoas reclamavam que trabalhavam muito e recebiam muito pouco ou quase nada, e quando o patrão ficava sabendo que alguém reclamava ou desobedecia, a família, com a mudança, era transportada num caminhão e jogada na beira da pista, nas estradas. [...] Ele (o fazendeiro) aplicava veneno em grande quantidade, inicialmente para matar as plantas e facilitar a entrada dos tratores e depois no pasto. Minha plantação de café foi toda afetada, não consegui levar o sítio adiante porque as minhas plantações morriam por causa dos venenos que ele usava lá na fazenda dele.

José da Paz, ex-professor, trabalhador agregado da antiga fazenda Prata, também fez considerações sobre algumas práticas adotadas pelo antigo proprietário:⁴

[...] Ele vendia as coisas que tinha no armazém na fazenda dele pra nós, e a carne também. Carne das vacas doentes de brucelose.⁵ Quando era detectada a doença, ele mandava matar e vender a carne pra nós, mas dizia que não fazia mal para o humano, que era só uma doença de vaca.

¹ O nome do assentamento é uma homenagem a Roseli Nunes que, no dia 31 de março de 1987, foi assassinada junto a outros três companheiros em uma manifestação na BR 386, em Sarandi, no Rio Grande do Sul.

² *Gatos* são pessoas que recebem valor predeterminado para a execução de serviços de grande porte nas fazendas, responsabilizando-se pela contratação terceirizada de um conjunto de trabalhadores, aos quais pagavam um valor mínimo para garantir sua margem de lucro, evitando assim o vínculo empregatício direto.

³ O relato foi feito durante entrevista concedida em 6 de novembro de 2013.

⁴ Informação verbal concedida em 2 de dezembro de 2013.

⁵ A brucelose atinge animais e seres humanos, sendo uma doença causada por bactérias intracelulares facultativas pertencentes ao gênero *Bruceella*. A contaminação se dá pelo leite e pelo contato sem equipamentos de proteção com a vaca doente, sendo recomendado eliminar o animal contaminado (EMPRA, 2007, p. 2).



Sementes crioulas garantem soberania alimentar



Venda direta como estratégia de valorização da produção camponesa

A área passou a ser foco de reivindicações populares a partir de 1990, principalmente por não cumprir a função social da terra (era considerada improdutiva e não obedecia à legislação trabalhista). Em março de 1996, formou-se o Acampamento Roseli Nunes e, em 2000, a fazenda foi desapropriada e destinada à Reforma Agrária. Mesmo em casebres precários e dispondo de escassos recursos, as famílias produziam hortaliças, criavam pequenos animais e cultivavam mandioca, feijão, arroz e outros gêneros alimentícios para a subsistência, comercializando por vezes o excedente na cidade de Cáceres, localizada a 80 km de Mirassol D'Oeste.

Dessa maneira, os trabalhadores iam colorindo o cenário com a esperança de construir uma nova vida com dignidade naquela terra. Onde antes viviam a família de um fazendeiro e 30 trabalhadores em regime próximo à escravidão, passaram a viver aproximadamente 900 pessoas (331 famílias distribuídas em lotes de 25 hectares). Logo foram desenvolvidas novas formas de organização do trabalho e novos mecanismos de convivência social, recriando assim o modo de vida camponês.

A Agroecologia como proposta para o assentamento

Reconstruir os ecossistemas e as terras degradadas pela exploração predatória gerada pelo modelo conven-

cional de produção é um desafio recorrente para a construção da sustentabilidade socioeconômica e ambiental da Reforma Agrária.

Para atuar nessa perspectiva, a Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional (Fase) tem se apresentado na região sudoeste do Mato Grosso como parceira dos movimentos sociais na luta pela terra e na defesa dos territórios. Há 14 anos a Fase vem apoiando processos organizativos e produtivos no Assentamento Roseli Nunes, favorecendo intercâmbios de experiências, estimulando a troca de sementes crioulas, implementando Projetos Demonstrativos Agroecológicos (PDAs) e viveiros de mudas, estimulando processos de auto-organização e autonomia financeira das mulheres e assessorando projetos de comercialização.

A criação de estratégias para comercialização

A consolidação da Associação Regional de Produtores(as) Agroecológicos (Arpa), criada em 2003 com o objetivo de organizar a produção, o beneficiamento e a comercialização agroecológica das famílias assentadas, é uma das conquistas significativas para viabilizar a mudança da paisagem no assentamento. A associação se iniciou com sete famílias e chegou a contar com mais de 180 filiados. Contribuiu para essa evolução a influência exercida pelas experiências de produção e comercialização bem sucedidas, particularmente com as oportunidades geradas pelos mercados institucionais, como o Programa de Aquisição de Alimentos da Agricultura Familiar (PAA). Atualmente, 88 famílias são associadas, sendo 63 do Assentamento Roseli Nunes, 15 do Assentamento Florestan Fernandes (Município de Quatro Marcos) e 10 do Assentamento São Saturnino (município de

Curvelândia). Com princípios e objetivos claros, os sócios que não cumprem as orientações são afastados e, eventualmente, readmitidos. Dessa forma, há oscilação no número de famílias associadas.

Desde 2005, a Arpa vem comercializando por meio do PAA sua produção de alimentos, principalmente hortaliças, milho, mandioca, batata, banana-da-terra e feijão. Em 2010, iniciou as vendas pelo Programa Nacional de Alimentação Escolar (Pnae). Já em 2012, 117 mil quilos de alimentos foram vendidos via PAA, cifra elevada para 205 mil quilos em 2013. Essa produção foi distribuída para bairros pobres de Mirassol D'Oeste, Araputanga e Curvelândia, assim como para as escolas estaduais e municipais, beneficiando mais de seis mil alunos.

Principais desafios

Apesar da conquista da terra por meio de intensas lutas, da reconstrução da dignidade das famílias assentadas, da construção de referências na produção e comercialização agroecológica no Mato Grosso, atualmente as famílias se veem ameaçadas por empresas mineradoras, que alegam a existência de minerais de alto valor econômico no subsolo do assentamento. Para viabilizar sua estratégia de apropriação desses recursos, as empresas se valem de práticas de assédio para que as famílias vendam seus lotes.

Outro desafio para a continuidade e o fortalecimento dessas iniciativas de recampesinização do campo mato-grossense está relacionado à vizinhança de fazendas que empregam altas doses de agrotóxicos. Com as pulverizações permanentes, colocam em risco as águas, os solos, as plantações e a vida das famílias. Essa situação aponta para



Produção de alimentos saudáveis onde antes existia um latifúndio improdutivo



Consociação de culturas



Cuidando do solo com a prática da cobertura morta



Entrega de produtos para o PAA

a necessidade de criação de áreas de isolamento ao redor dos assentamentos ou mecanismos legais punitivos para agentes contaminadores, possibilitando assim a expansão de práticas agroecológicas no assentamento.

A produção ecológica no Assentamento Roseli Nunes tem se tornado uma referência no Mato Grosso, influenciando camponeses assentados e as demais associações existentes em outros assentamentos rurais da região. Porém, a sua expansão ainda é comprometida pela ausência de assistência técnica e de acesso a créditos para o fortalecimento da produção, do beneficiamento e da comercialização dos alimentos.

Trata-se de uma experiência inovadora desde os pontos de vista econômico, social e político e que resiste ao modelo de desenvolvimento predatório. Com seu exemplo, o Assentamento Roseli Nunes vislumbra uma maior adesão de camponeses à Agroecologia, mas também espera contar com mais apoio, principalmente do Estado, por meio de políticas públicas e maior participação institucional em prol da Reforma Agrária.

Siumara Santos Oliveira

Educadora popular da Fase/MT,
agrônoma e mestranda em
Agroecossistemas/UFSC
siumarajequitinhonha@hotmail.com

Tayrone Roger Antunes de Asevedo

Geógrafo, Mestre em Geografia/UFMS
tayroneroger@hotmail.com

Referências bibliográficas:

EMPRAPA. **Brucelose**. 2007. Disponível em: <<http://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/38834/1/Brucelose.pdf>>. Acesso em: 23 jun. 2014.

PIGNATI, W et al. **Resumo executivo dos impactos dos agrotóxicos na saúde e no ambiente nos municípios do "interior" de Mato Grosso, Brasil**. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/cssf/audiencias-publicas/audiencia-2014/audiencia-20.05/apresentacao-4>>. Acesso em 23 jun. 2014.